

OBSERVAÇÃO DAS QUESTÕES RACIAIS NA OBRA “O MULATO” DE ALUÍSIO AZEVEDO.

Maria Gilmara Vieira¹
Claudenice Maria de Jesus²
Maria do Socorro Cordeiro de Sousa³

INTRODUÇÃO

As questões raciais estão presentes na literatura brasileira desde o Quinhentismo, período literário que teve início com a chegada dos portugueses ao Brasil e que se caracterizava como uma literatura de informação, dado ao fato dos inúmeros textos que relatam as descobertas no “novo mundo”. Em meio aos escritos conhecidos nos dias atuais, os povos indígenas, já habitantes das terras brasileiras, eram descritos como seres diferentes e que precisavam mudar o seu comportamento, ou seja, tinham os seus costumes e sua cultura subjugada.

Em outros períodos literários as questões voltadas à escravidão e a luta pela abolição dos escravos foi um tema recorrente, neste caso, tínhamos a figura do negro em evidência. Em uma análise desses assuntos, faz-se necessário considerar as obras do Realismo-Naturalismo que abordam as questões relacionadas ao comportamento da sociedade brasileira num contexto de pós-escravidão, mas ainda marcado pelo preconceito e a discriminação.

Buscou-se com este trabalho analisar e discutir a figura do negro no final do século XIX a partir da obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo. É importante destacar que as vertentes científicas eram características das obras deste período, assim o autor traz em seus personagens e no ambiente que estão inseridos esses aspectos, e através deles escancara os problemas dos brasileiros.

METODOLOGIA

¹Graduada pelo Curso de Letras da FACHUSC, mgilmarvieira98@gmail.com;

²Pós-Graduada no Curso de Metodologia do Ensino de Línguas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão de Pernambuco Campus Salgueiro, claudenicemanuel@gmail.com;

³Orientadora: Maria do Socorro Cordeiro de Sousa, Doutora em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN, corrinhacordeiro@gmail.com.

A metodologia deste trabalho é de caráter qualitativo, pois foi construído a partir de uma análise da obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo. Para a pesquisa bibliográfica, utilizamos como referência AZEVEDO (2001), BOSI (2015) e MONTEIRO (2014).

Consonantes com o objetivo de analisar as questões raciais presentes no romance naturalista, relacionamos as situações apresentadas no enredo com as características da escola literária e as filosofias aplicadas naquela época.

ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIAL DO FIM DO SÉCULO XIX.

Ao final do século XIX se consolidava no Brasil um novo jeito de escrever que teve origem na França. Saindo de um romantismo latente, os escritores viram a necessidade de apresentar aos leitores a realidade do país através de uma literatura que denunciava as mazelas da sociedade brasileira. Segundo Bosi (2015, p.172) “Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. É uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século”. Com isso surgiu o Realismo que teve como marco inicial a publicação da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis em 1881.

Manifestando-se por meio da prosa e poesia, o período literário recebeu mais de uma denominação partindo de algumas singularidades. Na prosa o Realismo e o Naturalismo, onde este abordava uma naturalidade das ações humanas como sendo algo intrínseco ao ser, não podendo ser modificado, e aquele trazia uma abordagem dos acontecimentos reais da sociedade, mas que não era natural. Na poesia este período literário recebeu o nome de Parnasianismo, que trazia um ideal estético ao texto, uma forma de se escrever, levando em consideração a primazia pela métrica e a rima.

O Realismo-Naturalismo buscava, de forma mais abrangente, mostrar os problemas ainda existentes no Brasil, um país marcado pela desigualdade social, pelo fim da escravidão e com isso a decadência da economia açucareira que tinha como principal mão de obra os negros escravizados.

É necessário destacarmos que conforme explica Monteiro (2014, p.118) “O processo abolicionista foi lento, gradual e difícil. O primeiro ato em direção ao fim da escravidão ocorreu em 1831 com a lei que proibia o tráfico de escravos, a Lei Eusébio de Queiroz. Essa lei foi promulgada em decorrência da pressão inglesa.” Apesar dos esforços, ainda manteve-se o contrabando dos escravos. Com isso, outras leis foram publicadas, como a Lei do Ventre Livre em 1871; a Lei do Sexagenário em 1880 e, em 1888, o fim da escravidão.

O fim da escravidão significou a manutenção da situação de apatção do negro socialmente, abandonando-o à sua própria sorte, sem qualquer garantia econômica, de segurança e de assistência. O Estado entendeu que a concessão da liberdade tornava os escravos responsáveis por si mesmos, estando ele e os ex-senhores de escravos desobrigados com os libertos. O sucesso ou fracasso de cada um deveria ser o resultado de sua ação, uma vez que os negros tinham adquirido a personalidade humana, portanto responsável por si mesmo. Assim, teriam os ex-escravos que produzir o seu êxito e realizar as suas necessidades. Contudo, essa ideia ia de encontro com a realidade social dos ex-escravos, que estiveram sujeitos às “configurações” da escravidão. (MONTEIRO, 2014, p. 121-122)

É importante ressaltar que o período escravocrata havia motivado diversos escritores nas campanhas abolicionistas durante o Romantismo como Castro Alves e Sousândrade. Dentre os escritores do movimento naturalista, destacam-se Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Coelho Neto.

Aluísio Azevedo escreve o seu primeiro romance, “O Mulato”, publicado em 1881, a obra aborda as questões raciais a partir da figura de Raimundo, fruto de uma relação entre um dono de fazenda e uma negra escravizada. Além da obra citada, o autor foi reconhecido também na escrita dos livros “O Cortiço” e “Casa de Pensão” que marcaram o período naturalista no Brasil.

De acordo com Bosi (2015)

Em Aluísio Azevedo influência de Zola e de Eça é palpável; e, quando não se sente, é mau sinal: o romancista virou produtor de folhetins. Aliás, trata-se de um caso raro e precoce de profissionalização literária: “Aluísio Azevedo – disse Valentim Magalhães – é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa da sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga”. Essa luta com a pena pelo pão certamente explica o desnível entre seus romances sérios (*O Mulato, Casa de Pensão, O Cortiço*) e os pastelões melodramáticos de “pura inspiração industrial”, no dizer de José Veríssimo (*Condessa Vésper, Girândola de Amores, A Mortalha de Alzira...*). E talvez à mesma causa se possa atribuir o estranho abandono das letras que se lhe nota a partir dos quarenta anos, quando entra para a carreira diplomática e se elege membro da academia recém-fundada. (BOSI, 2015, p. 190)

Apesar de ter tido uma trajetória marcada por altos e baixos, quando se trata da literatura naturalista no Brasil, Aluísio Azevedo é um dos nomes principais, sendo sempre investigado pelos estudiosos da área.

INVESTIGAÇÃO DA OBRA “O MULATO”

Tendo em vista a importância das obras de Aluísio Azevedo para a literatura Brasileira, analisou-se a obra “O Mulato” na qual encontramos Raimundo, filho do fazendeiro João e a escrava Domingas. Logo no início da obra vemos uma descrição do personagem feita pelo escritor.

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A partemais característica da sua fisionomia era os olhos - grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas enegras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz. (AZEVEDO, 2001, p. 42)

É importante destacar que ao longo das descrições o personagem não apresenta uma fisionomia de um negro, sendo enaltecido pela falta dessas características.

Raimundo ainda pequeno é separado da mãe, que esta, a pedido de Quitéria, esposa de João, passa por muitas atrocidades. O fazendeiro, temendo um possível sofrimento do filho, decide deixá-lo aos cuidados do seu irmão Manoel Pescada que se torna tutor da criança.

Ao voltar para casa, João encontra Quitéria nos braços do Padre Diogo e tomado pela raiva estrangula a esposa. Para que a população não tome conhecimento do acontecimento, eles decidem guardar segredo. Nesse trecho, é possível observar uma crítica do autor aos desvios de conduta do clero, mostrando assim uma patologia da sociedade.

Na casa de Manoel Pescada, Raimundo tem uma boa convivência com sua prima Ana Rosa. Ainda criança, ele é mandado a Lisboa para estudar e lá conclui os seus estudos formando-se em Direito.

Ao voltar para Brasil com o objetivo de exercer a sua profissão no Rio de Janeiro, ele resolve visitar o seu tio em São Luís do Maranhão e lá busca informações sobre a sua origem. Nota-se que a cidade tem traços típicos de um centro comercial, com festas sociais.

Depois de passado alguns dias com os familiares, Raimundo e Ana Rosa se veem apaixonados e começam a se preparar para que o pedido de casamento seja feito pelo rapaz ao Manuel Pescado. O pedido é recusado e na busca de se ter melhores explicações para tal ato, o seu tio revela que ele é um mulato, filho de uma negra escravizada, que anteriormente, numa visita a fazenda, ele tinha encontrado-a, mas não a havia reconhecido, haja vista não ter nenhuma informação sobre sua origem.

Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia -lhe brutalmente: “Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!” (AZEVEDO, 2001, p. 180)

Destaca-se nesta passagem o caráter determinista da obra que acreditava que as condições naturais determinavam os comportamentos e estes eram imutáveis. Desta forma, Raimundo estaria condicionado a sua origem e por isso era/deveria ser julgado.

Ao final do romance, Raimundo é assassinado por Luís Dias, empregado de Manuel e pretendente de Ana Rosa, este fora ludibriado pelo Padre Diogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões relacionadas ao preconceito racial e as discriminações raciais estão presentes em todo o âmbito social e demonstram através da nossa literatura que não são de hoje, mas que vêm passando por um processo de mudança ao longo do tempo.

O presente trabalho discutiu sobre a visão do negro na obra de Aluísio Azevedo, inserida num contexto de pós-escravidão, mas que ainda carrega em si as características de um país que diminui a figura do negro e ainda o enxerga como um ser inferior. Com isso, fica perceptível a visão inferiorizada do negro, como um ser que apesar de sua formação profissional, da educação e das boas ações, carregava em si uma característica natural que o tornava um ser digno de repulsa.

É importante destacar as demais patologias da sociedade apresentadas na obra, como é o caso da imoralidade do Padre através das suas ações; a falsidade de Quitéria que, desde o início da obra demonstrava estar com o marido apenas pelo interesse em suas posses; e principalmente a cidade de São Luís do Maranhão, que anteriormente fora mercantilista e escravocrata e que ainda carregava os preconceitos frutos dessa época.

Constatou-se com isso, a riqueza da obra para a análise das questões relacionadas às discriminações e os preconceitos raciais e a necessidade de estudar a temática perfazendo um panorama das modificações ocorridas ao longo do tempo e principalmente o papel que o negro ocupa na nossa literatura.

Palavras-chave: Realismo/Naturalismo; Literatura; Preconceitos Raciais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio de. *O Mulato*. Rio de Janeiro : Ediouro, s.d. (Prestígio), 2001.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.



MONTEIRO, Roberta Amanajás. *A inserção do negro na sociedade brasileira do século XIX e a questão da identidade entre classe e raça*. CONPEDI, 2014.